

O SUICÍDIO: CONTRIBUIÇÕES DE ÉMILE DURKHEIM E KARL MARX PARA A COMPREENSÃO DESSE FENÔMENO NA CONTEMPORANEIDADE

EL SUICIDIO: CONTRIBUCIONES DE ÉMILE DURKHEIM Y KARL MARX PARA LA CONPRENSIÓN DE ESE FENÓMENO EM LA CONTENPORANEIDAD

Felipe Mateus de Almeida¹

Resumo: neste artigo pretendemos apresentar uma discussão sobre o fenômeno do suicídio na contemporaneidade por meio dos estudos de Émile Durkheim e Karl Marx. O texto traz inicialmente uma discussão sobre a teoria e o método desses autores clássicos da sociologia e, posteriormente, apresenta uma análise do suicídio na contemporaneidade e sua relação com as relações sociais produzidas no seio da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Durkheim. Marx. Suicídio. Capitalismo. Sociologia.

Resumen: en este artículo pretendemos presentar una discusión sobre el fenómeno del suicidio en la contemporaneidad a través de los estudios de Émile Durkheim y Karl Marx. El texto trae inicialmente una discusión sobre la teoría y el método de estos autores clásicos de la sociología y, posteriormente, presenta un análisis de lo suicidio en la contemporaneidad y su relación con las relaciones sociales producidas en la sociedad capitalista.

Palabras – Clave: Durkheim. Marx. Suicidio. Capitalismo. Sociología.

INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio tem ocasionado um total de 800.000 mortes por ano. O suicídio tem incidência maior nos países de baixa e média renda, mas também ocorre em países onde a população tem uma renda geral considerada elevada (OMS, 2014).

O Brasil, desde a década de 1960, apesar da queda nas mortes por doenças infecciosas e parasitárias, tem convivido com um aumento constante nas mortes por causas externas. O suicídio atualmente ocupa o terceiro lugar nesse ranking, ficando atrás, respectivamente, dos homicídios e dos acidentes de trânsito (MACHADO; SANTOS, 2015).

Segundo o último levantamento feito pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Departamento de Informática e Informação do Sistema

¹ O artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica realizada no primeiro semestre de 2017. Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Contato: felipe.mateus.sociologia@gmail.com .

Único de Saúde (DATASUS), divulgado em 2015, o Brasil apresentou, no período compreendido entre 2000 e 2012, um total de 112.103 mortes por suicídio (FRAGA; MASSUQUETI; GODOY, 2015).

É possível se afirmar que o número de suicídios no país pode ser ainda maior, pois muitas pessoas acabam por omitir ou inventar outra causa para o suicídio de seu ente querido por conta do estigma social que esse tipo de morte possui no seio da nossa sociedade.

Para Santos e Machado (2015, p.51), o suicídio está associado a um baixo nível educacional, ao desemprego e a renda familiar, o que atinge de forma direta o status social do indivíduo, o que conseqüentemente acaba desencadeando o suicídio do mesmo. Nesse sentido, compreendendo o suicídio como um fenômeno de ordem social, pretendemos trazer um estudo sociológico desse tipo de morte, nos valendo principalmente das contribuições de Durkheim (2004) em seu livro *O Suicídio* e de Marx (2006) em seu ensaio *Sobre o Suicídio*.

O SUICÍDIO SEGUNDO ÉMILE DURKHEIM

Émile Durkheim é considerado um dos pensadores mais importante nos estudos da Sociologia, graças ao fato de ter se empenhado na busca pela criação de uma nova ciência que se dedicasse aos estudos da sociedade. Esse autor procurou construir um objeto de estudo próprio para a Sociologia, além de empenhar-se em fundamentar metodologicamente essa nova ciência, diferenciando-a da Psicologia, da Filosofia e das ciências naturais, no contexto da virada do século XIX para o século XX.

Durkheim sempre esteve preocupado com a criação de uma ciência da sociedade que fosse autônoma, ou seja, que tivesse um caráter e postulados próprios e fosse independente da filosofia e da psicologia. Para esse sociólogo, os fenômenos devem ser vistos como uma coisa dada e concreta, ou seja, é preciso que se faça uma diferenciação entre a coisa e a ideia através de um processo de afastamento do pesquisador de suas ideias e pressupostos pessoais. A realidade deve ser estudada pelo sociólogo como ela é e não como ela deveria ser:

Durkheim se esforça para declarar a autonomia e a especificidade da sociologia e para isso a distingue da Psicologia e da Filosofia. [...] Para ele, a sociologia é uma ciência autônoma e distinta das demais e isso se revela principalmente no seu objeto de estudo, bem como se distingue da Filosofia em razão de sua objetividade e pelo fato de se remeter ao empírico (VIANA, 2006, p. 31).

Diante dessas colocações, Durkheim define como objeto de seus estudos e, conseqüentemente, segundo ele como objeto de estudo da sociologia, os fatos sociais. Para ele, os fatos sociais devem ser definidos como:

[...]toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coeção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2007, p. 13, itálicos do original).

Os fatos sociais são dotados de três características essenciais: a coercitividade, a exterioridade e a generalidade. O fato social é coercitivo porque exerce um poder que faz com que o indivíduo realize ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade; é exterior porque já se encontra pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a fazer parte dela e é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e todos os seus participantes.

Ainda pensando sobre essa questão da teoria e do método sociológico de Durkheim é preciso que se leve em consideração de que esse autor defendia a neutralidade do pesquisador, ou seja, o pesquisador deve se afastar de todos os seus pressupostos desde a problematização do objeto a ser investigado até as conclusões da pesquisa. Para esse autor, o fato social já se encontra constituído na sociedade e cabe ao pesquisador apenas analisar como determinado fato social regula as ações dos indivíduos para com os demais membros da sociedade em que convivem, ou seja, “a obra do sociólogo não é a do homem público. Logo, não precisamos expor em detalhe o que deveria ser essa reforma. Bastar-nos-á indicar seus princípios gerais, tal como parecem sobressair dos fatos precedentes” (DURKHEIM, 2008, p. XXII).

Portanto, para Durkheim, o sociólogo deve ter como norte de suas pesquisas os fatos sociais, levando em consideração suas três características essenciais e tratando eles como coisas e, além disso, tendo o cuidado de estar sempre assumindo uma posição de neutralidade diante do fenômeno estudado. Tudo isso deve ser feito levando em consideração a consciência coletiva dos indivíduos. A consciência coletiva deve ser compreendida como “o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” (DURKHEIM, 2008, p. 50).

A partir de sua teoria e método sociológico, onde os fatos sociais devem ser compreendidos como coisas e a sociedade deve ser estudada a partir da consciência coletiva que ela produz sobre os indivíduos, Durkheim elabora um estudo detalhado sobre o suicídio. Em sua pesquisa sobre esse fenômeno, o autor buscou responder a seguinte pergunta: Por que o suicídio é um fato social que interessa ao sociólogo?

Para responder esse questionamento, Durkheim sustenta a afirmação de que o suicídio não é uma causa individual, mas sim uma causa social, pois segundo ele cada sociedade tem em sua história um conjunto de indivíduos dispostos ao suicídio, onde essa disposição deve ser estudada não apenas pelos fenômenos orgânico-psíquicos ou do meio físico no qual os indivíduos estão situados, mas sim segundo as causas sociais que geram os fenômenos coletivos (DURKHEIM, 2004).

Feitas essas considerações, o primeiro passo dado por Durkheim para a compreensão do suicídio está em sua definição do que é esse fenômeno. Para ele, o suicídio deve ser compreendido como toda a morte que “resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2004, p.14).

Nesse sentido, para Durkheim, o suicídio é explicado como uma questão social que varia de acordo com a razão inversa do grau de interação social dos indivíduos com a sociedade. O elemento central é a coesão social, ou seja, quanto mais existe coesão social menor a taxa de suicídio numa sociedade.

A partir dessas considerações iniciais, Durkheim apresenta os tipos de suicídio e aponta as causas sociais específicas que caracterizam tais tipos que ele classificou como suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico.

Para exemplificar os casos de suicídio egoísta, Durkheim cita a questão da confissão religiosa como causa desse tipo de suicídio. Segundo o autor, nos países de tradição católica ou judaica, registram-se taxas menores de suicídio, ao passo que nos países de tradição religiosa protestante, a taxa de suicídios é elevada.

A explicação disso não se deve ao fato dessas religiões darem sentidos diferentes para o suicídio, pois ambas condenam essa prática. O fato de o suicídio ser maior em sociedades onde a religião protestante é predominante, segundo Durkheim, é devido a já existir um gosto pelo livre exame e pela ciência desenvolvido na população, o que acaba por colocar em dúvida as tradições e as crenças religiosas. As confissões religiosas devem ser vistas como uma sociedade, onde a partir do momento em que seus preceitos são colocados em dúvida, a coesão social exercida por ela sobre seus fiéis acaba por tornar-se quase nula, o que acaba enfraquecendo a consciência coletiva dos indivíduos e os deixando vulneráveis para cometerem suicídio:

Quanto mais numerosas são as maneiras de agir e de pensar, marcadas por um caráter religioso, subtraídas, por conseguinte, ao livre exame, mais a idéia de Deus está presente em todos os detalhes da existência e faz convergir para um único e mesmo objetivo as vontades individuais. Inversamente, quanto mais um grupo confessional deixa ao julgamento dos indivíduos, mais ele está ausente de sua vida, menos tem coesão e vitalidade (DURKHEIM, 2004, p. 188).

É interessante ressaltar que Durkheim não vê a ciência como culpada pelo aumento dos suicídios, até porque esse autor era um defensor do desenvolvimento da ciência e do progresso. O que ele afirma é que é preciso que essas instituições sociais de caráter religioso se transformem e se adequem aos novos modos de vida e de conduta que surgem com o desenvolvimento da ciência para que continuem exercendo sobre os indivíduos um meio de controle sobre sua consciência individual através de suas crenças e ritos que geram fatos sociais gerais que alimentam a consciência coletiva da sociedade.

Em relação ao judaísmo, o que faz com que nessa confissão religiosa a quantidade de suicídios seja quase zero, segundo Durkheim, é o fato de que por ser uma minoria, é preciso que os membros dessa religião sempre estejam juntos para se protegerem das críticas e dos comentários acerca da sua crença, o que acaba por fortalecer o vínculo comunitário e o sentimento de pertencimento a um grupo social que segue determinadas normas de conduta, desembocando, assim, em uma consciência coletiva elevada.

Outro exemplo de causa do suicídio egoísta dado por Durkheim encontra-se no caso dos homens solteiros, divorciados e das viúvas. Para esse autor, a família serve como uma maneira de controlar os suicídios, pois a partir do momento em que se casa e se constitui uma família, criam-se responsabilidades para o indivíduo, fazendo com que assuma funções dentro do seio familiar. A partir do momento em que o indivíduo se afasta do seio familiar, seja por ter muitas tarefas fora de casa ou seja por ficar viúvo ou divorciar-se, ele perde o sentido da vida, pois não encontra mais uma função protetora ou auxiliadora na instituição familiar.

Nesse sentido,

Quanto mais os grupos a que pertencem se enfraquecem, menos o indivíduo depende deles e, por conseguinte, mais depende apenas de si mesmo para não reconhecer outras regras de conduta que não as que se baseiam em seus interesses privados. Se, portanto, conviermos chamar de egoísmo esse estado em que o eu individual se afirma excessivamente diante do eu social e às expensas deste último, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação descomedida (DURKHEIM, 2004, p. 258-259).

Portanto, o suicídio egoísta deve ser compreendido como aquele tipo de morte em que o indivíduo se mata por conta do enfraquecimento dos grupos sociais ao qual ele pertence, seja ele um grupo orientado por sua confissão religiosa, sua família ou sua orientação política. Quanto maior o seu afastamento e individuação perante os grupos sociais que produzem determinadas maneiras de agir, pensar e sentir capazes de

manter a consciência coletiva acima da consciência individual, maior a sua chance de cometer suicídio.

Para falar sobre o suicídio altruísta, o autor toma como base as sociedades simples (DURKHEIM, 2004)². O primeiro caso citado por Durkheim é o dos velhos guerreiros bárbaros que se matavam por sentirem vergonha de sua situação impotente e de doença, não podendo mais servir a seu povo na defesa de sua sociedade. Do mesmo modo, as viúvas nas antigas sociedades hindus eram obrigadas a se matar, pois sem seu marido e não podendo mais se casar com outra pessoa, perdiam sua função para a coletividade.

O suicídio altruísta também ocorre, segundo Durkheim, citando o exemplo da religião hindu, quando o brâmane atinge o seu grau mais elevado na terra e se vê no direito e na necessidade de abandonar a vida para se encontrar com seu ser superior na morada de Brama (DURKHEIM, 2004).

O último caso de suicídio altruísta citado por Durkheim é aquele que ocorre entre os soldados no exército quando eles se sentem envergonhados por uma derrota ou quando um soldado se sacrifica para salvar um amigo de farda. Os soldados também se matam por conta da vergonha que sentem da família quando sofrem uma derrota em batalha.

Nesse sentido,

Uma vez que chamamos de *egoísmo* o estado em que se encontra o eu quando vive sua vida pessoal e só obedece a si mesmo, a palavra *altruísmo* expressa o estado contrário, aquele em que o eu não se pertence, em que se confunde com outra coisa que não ele, em que o pólo de sua conduta está situado fora dele, ou seja, em um dos grupos de que faz parte. Por isso chamaremos de *suicídio altruísta* aquele que resulta de um *altruísmo* intenso (DURKHEIM, 2004, p. 275, *itálicos do original*).

O suicídio altruísta ocorre, então, de maneira inversa ao suicídio egoísta, pois enquanto no suicídio egoísta o indivíduo se mata por estar completamente afastado do seu compromisso para com a sociedade, deixando de sofrer o efeito da coesão social presente na coletividade por conta de sua individuação exagerada, no suicídio altruísta o indivíduo se mata por se sentir no dever de cometer esse ato em prol do bem-estar da sua sociedade ou do grupo social no qual está inserido.

Apesar do próprio Durkheim afirmar que o suicídio altruísta não está mais tão presente nas sociedades complexas (DURKHEIM, 2004), salvo em caso dos suicídios nos corpos militares, há de se ressaltar um aspecto. É preciso que o indivíduo também

² O termo sociedades simples é utilizado por Durkheim e, como estamos abordando sua teoria e método, deixaremos a definição dele. Obviamente que essa nomenclatura é problemática e o termo sociedades pré-capitalistas, a nosso ver, se encaixaria melhor.

pense em si mesmo e em suas necessidades individuais, pois ele também tem suas prioridades e objetivos próprios que não podem ser coagidos pela moral social e pela consciência coletiva, exceto nos atos que ferem a conduta moral de toda a sociedade como, por exemplo, o caso dos crimes que lesam a vida e a propriedade.

Portanto, Durkheim não faz pouco caso das consciências particulares dos indivíduos. É preciso compreender que ele estava em busca de uma teoria e de um método autônomos para a sociologia e por isso defendia a ideia de que o sociólogo deveria se preocupar com a questão das consciências coletivas, ou seja, de como esse conjunto de crenças e de sentimentos que são comuns a todos os membros da sociedade regulam e criam comportamentos, códigos e uma postura sobre aquilo que é certo e aquilo que é errado para o bom funcionamento da sociedade.

O terceiro e último caso de suicídio analisado por Durkheim é o suicídio anômico, o qual, segundo o autor, é o que está mais presente na sociedade moderna. O suicídio anômico está ligado à transição da solidariedade mecânica para a sociedade orgânica, correspondendo a um período no qual a consciência coletiva e a moral estão enfraquecidas.

Em *Da Divisão do Trabalho Social* (2008), Durkheim vai dizer que com o surgimento da sociedade industrial a consciência coletiva começou a perder seu poder de regulação na sociedade fazendo com que ela entrasse em um estado de anomia. A sociedade estava doente porque os indivíduos não cooperavam mais entre si da maneira correta para que a sociedade funcionasse de maneira coerente e, conseqüentemente, fazendo com que seus participantes convivessem de maneira harmoniosa. O que Durkheim está problematizando através dessas colocações é como a divisão social do trabalho desempenha uma função de coordenadora e reguladora das relações sociais e de manutenção dos laços sociais advindos da consciência coletiva. É interessante ressaltar que nesse livro o autor está tratando da divisão social do trabalho nas sociedades simples e da divisão social do trabalho nas sociedades complexas³.

No que se refere à divisão social do trabalho nas sociedades simples, Durkheim diz que por estarem pouco evoluídas, os indivíduos se reconheciam entre si e viam a necessidade de ajudar uns aos outros para manter a boa convivência e a harmonia social no sentido de evitar o estado de anomia. Diante disso, a consciência coletiva mantinha os laços de ligação dos membros da sociedade muito fortes:

Daí resulta uma solidariedade *sui generis* que, nascida das semelhanças, vincula diretamente o indivíduo a sociedade [...]Essa solidariedade não consiste apenas num apego geral e indeterminado do indivíduo ao grupo, mas também torna harmônico o

³ Este é mais um termo utilizado por Durkheim e como estamos abordando sua teoria e método para explicar a sua compreensão sobre o suicídio, manteremos a utilização desse termo pelo menos até o final da explanação acerca do estudo sobre o suicídio desse autor. Posteriormente, passaremos a utilizar o termo sociedade capitalista.

detalhe dos movimentos. De fato, como são os mesmos em toda parte, esses móveis coletivos produzem em toda parte os mesmo efeitos. Por conseguinte, cada vez que entram em jogo, as vontades se movem espontaneamente e em conjunto no mesmo sentido (DURKHEIM, 2008, p.79).

A esse tipo de solidariedade existente nas sociedades simples, Durkheim dá o nome de solidariedade mecânica. Nas sociedades simples baseadas na solidariedade mecânica, o indivíduo tem um apego ao grupo que faz com que todos os seus movimentos, todas as suas atitudes, tarefas e funções sejam desempenhadas em prol da sociedade. Os indivíduos não reclamam e nem procuram deixar de desempenhar sua função, pois tudo é feito pelo seu bem e pelo bem da coletividade.

Com o desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, com o surgimento do capitalismo, a divisão social do trabalho torna-se complexa graças à especialização e o surgimento de várias funções. Por conta desse desenvolvimento, Durkheim vai dizer que nas sociedades complexas a consciência coletiva perde sua força e o risco de anomia social se torna constante. Nesse sentido, nas sociedades complexas, tem-se um tipo de solidariedade que não é mais baseada no consenso moral e no apego de cada indivíduo para com a coletividade:

Bem diverso é o caso da solidariedade produzida pela divisão do trabalho. Enquanto a precedente implica que os indivíduos se assemelham, esta supõe que eles diferem uns dos outros. A primeira só é possível na medida em que a personalidade individual é absorvida na personalidade coletiva; a segunda só é possível se cada um tiver uma esfera de ação própria, por conseguinte, uma personalidade. É necessário, pois, que a consciência coletiva deixe descoberta uma parte da consciência individual, para que nela se estabeleçam essas funções especiais que ela não pode regulamentar (DURKHEIM, 2008, p.108).

A esse tipo de solidariedade, Durkheim dá o nome de orgânica. Essa solidariedade é orientada através da divisão social do trabalho e nela os indivíduos não estão mais interligados por um apego moral a sociedade, fazendo com que nem todos saibam ou concordem com aquilo que é certo e aquilo que é errado e com aquilo que é bom e com aquilo que é ruim para a coletividade. Em decorrência disso, nas sociedades complexas, a anomia social se torna um risco constante, enfraquecendo a consciência coletiva e gerando o suicídio anômico:

A anomia é portanto, em nossas sociedades modernas, um fator regular e específico de suicídios; é uma das fontes em que se alimenta o contingente anual. Por conseguinte, estamos diante de um novo tipo, que deve ser distinguido dos outros. Difere deles na medida em que depende, não da maneira pela qual os indivíduos estão ligados à sociedade, mas da maneira pela qual ela os regulamenta. O suicídio egoísta tem como causa os homens já não perceberem razão de ser na vida; o suicídio altruísta, essa razão lhes

parece estar fora da própria vida; o terceiro tipo de suicídio, cuja existência acabamos de constatar, tem como causa o fato de sua atividade se desregrar e eles sofrerem com isso. Por sua origem, daremos a essa última espécie o nome de *suicídio anômico* (DURKHEIM, 2004, p. 328-329, itálico do original).

O suicídio anômico está diretamente relacionado com as questões sociais. Quando a sociedade se vê perturbada, seja por crises econômicas e políticas ou por guerras e por revoluções radicais, ela se torna incapaz de exercer uma moralização sobre o indivíduo. Nesse sentido, é necessário,

[...] fazer cessar essa anomia, é encontrar os meios para fazer esses órgãos que ainda se chocam em movimentos discordantes concorrerem harmoniosamente, é introduzir em suas relações mais justiça, atenuando cada vez mais essas desigualdades externas que são a fonte do mal (DURKHEIM, 2008, p. 432).

E qual seria a solução apresentada por Durkheim para cessar essa anomia e, conseqüentemente, o tipo de suicídio advindo dela? Para esse autor, as confissões religiosas já não são capazes de controlar a conduta moral dos indivíduos nas sociedades complexas por conta do aumento do livre exame e do desenvolvimento da ciência. Do mesmo modo, a família também não é, pois assim como a religião, essa instituição também perdeu seu poder de exercer coesão social sobre os indivíduos.

A solução estaria, segundo Durkheim, nas corporações. Uma corporação deve ser compreendida como:

[...] um sistema de órgãos necessários ao funcionamento normal da vida comum que nos faz falta. [...] Será necessário que, em cada profissão, um corpo de regras se constitua, fixando a quantidade de trabalho, a justa remuneração dos diferentes funcionários, seu dever para com os demais e para com a comunidade, etc. (DURKHEIM, 2008, p. XXXVIII – XXXIX).

As corporações são formadas por um corpo de indivíduos de diferentes confissões religiosas e posições políticas que exercem um determinado tipo de trabalho na sociedade visando o bem estar dela. A corporação, por visar executar um trabalho delegando diferentes funções a quem participa dela, é o órgão capaz de despertar nos indivíduos o interesse pelo bem comum e pelo bom funcionamento da sociedade, pois ela é composta “por indivíduos que se dedicam aos mesmos trabalhos e cujos interesses são solidários ou até idênticos” (DURKHEIM, 2004, p. 495), não havendo, assim, “terreno mais propício a formação de idéias e de sentimentos sociais” (DURKHEIM, 2004, p.495).

O interesse dos indivíduos nas corporações é exercer suas funções para que a sociedade - que deve ser entendida, segundo Durkheim, como um corpo constituído por vários órgãos que operam em conjunto mantendo seu funcionamento perfeito - continue sempre operando e exercendo sua coesão social nas consciências particulares dos indivíduos, evitando, assim, a anomia e os casos de suicídio que advém dela.

Nesse sentido, Durkheim vê o suicídio como um fato social, constituindo-se como objeto de estudo da sociologia. Esse autor não vê a sociedade capitalista, nem suas instituições e sua divisão social do trabalho, como um mal que deve ser superado para dar fim ao suicídio. O que precisa ser feito é uma reforma nessa sociedade e nas instituições que a gerem e a coordenam para que ela possa voltar a seu estado normal de funcionamento, ou seja, “é preciso, sem afrouxar os laços que ligam cada parte da sociedade ao Estado, criar poderes morais que tenham sobre a multidão de indivíduos uma ação que o Estado não pode ter” (DURKHEIM, 2004, p. 510). As instituições devem caminhar junto com o Estado, auxiliando, assim, na manutenção da coesão social necessária para o bom funcionamento da sociedade.

O SUICÍDIO EM KARL MARX

Karl Marx, ao contrário de Durkheim, nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade. Ele era um autor com uma abordagem que abarcava várias áreas do conhecimento e, acima de tudo, uma abordagem crítica que fazia um ataque ferrenho ao modo de produção capitalista e todas as suas instituições e relações sociais. Nesse sentido, Marx foi o responsável pela criação do materialismo histórico – dialético, um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, a junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade:

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2003, p.5).

Partindo desses pressupostos que fazem uma crítica à filosofia idealista, Marx cria o seu método de análise da realidade: o materialismo histórico-dialético. O materialismo histórico-dialético parte de pressupostos reais, criados por homens que vivem em sociedade devido ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. A teoria marxista parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas

de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico – dialético é uma teoria que afirma que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, mas o homem é quem determina e constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência.

O método dialético de Marx é um método que propõe partir do “concreto-dado para chegar ao concreto-pensado por meio da abstração” (VIANA, 2006, p.49):

A passagem do concreto-dado ao concreto-pensado ocorre via abstração, um procedimento mental no qual o pesquisador busca decompor o fenômeno e descobrir suas “múltiplas determinações” e, entre elas, a determinação fundamental, o que lhe constitui. Uma vez que o pensamento teórico tenha avançado e produzido teorias e conceitos sobre a realidade, não é necessário partir do concreto-dado já que se pode partir das teorias e conceitos já elaborados para, através de sua análise crítica, reconstituir o fenômeno (VIANA, 2006, p. 49).

O materialismo histórico - dialético, é uma “teoria da história das sociedades humanas” (VIANA, 2006, p. 50), que percebe os indivíduos como seres conscientes, ou seja, como seres reais e concretos que são constituídos socialmente através das relações sociais nas quais estão envolvidos. (VIANA, 2006, p.50).

Ao contrário de Durkheim que defendia a neutralidade do pesquisador, Marx afirmava que era preciso ter uma posição crítica sobre a realidade. A partir do materialismo histórico-dialético, Marx constata que “a história de todas as sociedades que existiram até hoje tem sido a história das lutas de classes” (MARX, 2006a, p.84), percebendo nessa luta um potencial de transformação social.

É na classe trabalhadora (proletariado), que vive em constante conflito com a classe dos detentores dos meios de produção (burguesia), que Marx percebe um potencial revolucionário, pois o proletariado é a classe que sente na pele a exploração e o sofrimento gerados por uma sociedade dividida em classes sociais e regida pela extração do mais-valor, sendo essa extração a forma específica de exploração no capitalismo.

Nesse sentido, é com essa teoria que Marx descobre que o modo de produção capitalista e suas relações sociais são permeadas pela contradição e pela luta de classes, onde uma classe detentora dos meios de produção compra a força de trabalho de uma classe que não possui nada, a não ser a sua força de trabalho.

Por pensar dessa maneira e compreender a realidade como uma síntese de múltiplas determinações, que deve ser analisada a com a perspectiva da totalidade, é que esse autor elabora uma série de estudos que envolvem o modo de produção capitalista e seu processo de produção de relações sociais. No meio desses estudos envolvendo o modo de produção capitalista, apesar de não ter elaborado um grande tratado sobre

o suicídio como Durkheim, Marx também se interessou por esse tema e escreveu um ensaio chamado *Sobre o Suicídio*. Para escrever esse ensaio, Marx teve como base as informações analisadas pelo funcionário da polícia francesa Jacques Peuchet, que fala sobre quatro casos de suicídio.

O primeiro caso de suicídio citado por Peuchet envolve uma moça de família tradicional no distrito onde ele trabalhava. A jovem moça que era filha de um alfaiate foi prometida em casamento a um açougueiro, que também era visto com bons olhos pela sociedade local. Tudo estava acertado entre as famílias e os dois jovens também não se opuseram a tal decisão, pois os dois se gostavam. Certo dia, as famílias dos noivos marcaram um jantar na casa dos pais do noivo e, por conta de um imprevisto, apenas a noiva pôde comparecer ao jantar na casa de seu genro e de sua sogra. Por estarem todos felizes e admirados com a sintonia do casal, a jovem moça esqueceu-se que tinha horário para voltar para casa e, quando percebeu, a noite já havia passado. Ao voltar para sua casa no outro dia, a jovem foi recebida com gritos e frases de desprezo e desaprovação do seu ato por seus pais, por seus familiares, por seus padrinhos de casamento e pela vizinhança que tudo presenciava, passando a ser mal vista na rua e tachada de impura pelo motivo de ter dormido na casa de seu noivo antes do casamento. Por não aguentar mais tanta humilhação até mesmo daqueles em que ela mais confiava, sua mãe e seu pai, a moça pôs fim a sua vida, jogando-se no Rio Sena e morrendo afogada.

Sobre esse primeiro caso de suicídio, Marx diz que:

As pessoas mais covardes, as mais incapazes de se contrapor, **tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas. O mau uso dessa autoridade é igualmente uma compensação grosseira para o servilismo e a subordinação aos quais essas pessoas estão submetidas, de bom ou de mau grado**, na sociedade burguesa (MARX, 2006b, p. 32, negritos e itálicos do original).

O que se tem nessa primeira constatação de Marx é uma preocupação com o argumento de autoridade que acaba se transformando em intolerância por parte daqueles que são mais velhos e se dizem mais experientes. A reflexão de Marx sobre o primeiro caso de suicídio aborda a questão da não superação das relações de servidão, que agora aparecem na sociedade burguesa de outra forma, como nesse caso, a partir da reprovação do simples ato de um casal de namorados – no qual a mulher sofreu as consequências – ter passado uma noite junto. Se no tempo dos “mais velhos” isso não era permitido, porque agora haveria de ser? O que Marx traz à tona ao analisar esse suicídio é que mudou-se o tipo de regime, mas a servidão e o tradicionalismo continuam a se perpetuar.

O segundo caso nos registros de Peuchet refere-se a um casal já com certo tempo de matrimônio. O marido era um homem da burguesia, gostava de caçar, tinha bela aparência, era educado e por onde passava era notado pelo seu porte físico e feição. Do mesmo modo, sua esposa também era bonita e educada e os dois tinham uma boa relação vivendo no luxo e sem ter do que reclamar, exceto pelo ciúme exagerado que o marido tinha pela esposa. Passado certo tempo, o marido foi acometido por uma doença em seu sangue, que acabou por causar-lhe feridas no rosto, em sua pele e também fez com que seu corpo se deformasse. A cada dia que passava, o homem se sentia mais envergonhado perante a sociedade e sua esposa, até que depois de certo tempo, tomado pelo ciúme e pela vergonha de sua aparência, trancafiou a esposa em sua casa, fazendo com que ela perdesse toda sua alegria de viver. Mesmo ouvindo do marido que ela não gostava mais dele, que ele era um peso na vida dela e que ela deveria matá-lo, a esposa ainda insistiu por um tempo em seu amor. Até que um dia, cansada e já descrente da vida e de seu amor, a moça conseguiu fugir de sua casa, correu até o rio e se jogou da ponte.

Sobre esse segundo caso de suicídio Marx chega a conclusão de que “o ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; o ciumento é antes de tudo um proprietário privado” (MARX, 2006b, p.41). Marx faz uma crítica ao sentimento de posse, quando vemos a pessoa como um objeto nosso, do qual podemos fazer o que bem entendermos. É como se a pessoa amada, seja ela homem ou mulher, fosse apenas uma mercadoria, sendo que na verdade existe um ser consciente, um objeto sensível que tem sentimentos e necessidades próprias que precisam ser respeitadas.

O terceiro caso de suicídio trazido por Peuchet é o de uma mulher desesperada que vai até um médico indicado por uma pessoa dizendo que está grávida e que ninguém pode saber disso, pois sua vida se tornaria insuportável por conta dos julgamentos e estigmas que ela sofreria perante a sociedade. A moça pediu ao médico para que realizasse o aborto, e ele, com espanto pelo pedido da moça, negou-se a realizar a operação. Passados quinze dias, lendo o jornal, o médico se depara com a notícia de que a sobrinha de um banqueiro da cidade havia cometido suicídio por conta de ter traído sua tia, ao deixar-se seduzir pelo tio, que na verdade era seu tutor, tendo dele engravidado.

O quarto caso de suicídio descrito por Peuchet é o de um rapaz que fazia parte da guarda do rei da França e que foi demitido por conta da diminuição do contingente dessa guarda. Procurando por alternativas de emprego, ele tentou ingressar na administração civil, mas por conta dos concorrentes com qualificações superiores às suas, não obteve sucesso. Cansado de tanto fracasso e desanimado com sua situação financeira e pessoal, o rapaz resolveu dar fim a sua vida, cometendo suicídio. Em seu

bolso, foram encontrados bilhetes dizendo que ele não aguentava mais ser sustentado por sua esposa que era uma humilde costureira e suas duas jovens filhas que trabalhavam junto com sua mãe e, por conta disso, achou melhor tirar sua vida do que ser um peso na vida dos outros.

Caminhando para o final de sua reflexão sobre o suicídio e levando todos esses casos em consideração, Marx chega a seguinte conclusão:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevêê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens (MARX, 2006b, p. 28, itálicos do original).

E continua dizendo que “o suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se com o resto. Somente com uma reforma de nosso sistema geral de agricultura e indústria pode-se esperar por fontes de recursos e por uma verdadeira riqueza” (MARX, 2006b, p. 50).

A intenção de Marx ao publicar esse ensaio, era apontar “as contradições e os contra-sensos da vida moderna, não apenas nas relações entre classes específicas, mas também em todos os círculos e configurações da hodierna convivência” (MARX, 2006b, p. 21). Nesse sentido, Marx estava preocupado em demonstrar nesses casos de suicídio, que o problema não está em um ou outro caso de morte por essa causa, mas sim na sociedade capitalista e em suas relações sociais como um todo. Diferentemente de Durkheim que não via necessidade de superação da sociedade capitalista, mas via apenas uma necessidade de uma reforma de suas instituições visando a manutenção da ordem social, ocasionando, assim, o fim ou pelo menos um controle elevado da taxa social de suicídios, Marx procura demonstrar com esse curto ensaio sobre o suicídio que somente uma transformação radical da sociedade, envolvendo a superação do modo de produção capitalista, suas instituições e suas relações sociais, será capaz de dar fim a esse e a outros males que assolam o ser humano.

QUALO REMÉDIO PARA O SUICÍDIO?

Nesta seção, pretendemos apresentar uma breve reflexão sobre o suicídio trazendo os principais elementos que tem causado ou pelo menos tem culminado na tentativa desse tipo de morte. Em seguida, apresentaremos nossa posição acerca desse fenômeno que tem feito cada vez mais vítimas em nossa sociedade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde ⁴(OMS), o suicídio tem se tornado um sério problema de saúde pública que não é fácil de ser controlado, pois envolve desde uma questão de se pensar nos melhores tratamentos para as diversas causas desse fenômeno, até a questão de um controle ambiental dos fatores de risco.

Os fatores de risco para o suicídio, segundo a OMS, envolvem: o baixo nível socioeconômico e cultural; o padrão de vida familiar e lembranças de fatos negativos ocorridos durante a infância; o estilo de personalidade e os transtornos psiquiátricos.

O baixo nível socioeconômico e cultural atinge principalmente os indivíduos da classe trabalhadora e também os indivíduos de culturas diferentes da nossa, como por exemplo os indígenas, os imigrantes e os refugiados que, por não conseguirem se enquadrar no nosso modelo de cultura ou por passarem por um processo de aculturação, acabam não resistindo ao peso de terem que abandonar suas raízes e, por conta disso, acabam cometendo suicídio. Além disso, a falta de dinheiro em uma sociedade onde praticamente tudo gira em torno dele – cultura, alimentação, acesso a informação, educação e saúde – acaba por excluir muitos indivíduos do processo de socialização, o que pode ocasionar em consequências severas, dentre as quais o suicídio:

[...] o nível educacional, a situação de desemprego e a renda familiar, assim como o estado civil, definem o status econômico e social do indivíduo, o que proporciona distintos níveis de preocupação e estresse. A vivência decorrente do status social ocupado se expressa ainda de maneira divergente dependendo da cultura local e dos significados compartilhados pelos integrantes do grupo, podendo provocar sentimentos de insatisfação e frustração que causam sofrimento psíquico (MACHADO; SANTOS, 2015, p. 51)

O padrão de vida familiar também tem influência direta na questão dos suicídios, pois a família é a primeira instituição na qual o indivíduo entra em contato no seu processo de socialização. Se ele convive em uma família na qual as brigas são constantes, onde não há diálogo para saber como anda o estado psíquico do indivíduo, onde já houve um trauma pela perda de um ente querido e casos de familiares que tiveram ou tem problemas com drogas e álcool, o processo de inserção desse indivíduo na sociedade torna-se mais complexo. Isso se deve ao fato da pessoa crescer em um mundo de problemas e de preocupações que muitas vezes nem são dele, mas que acabam causando transtornos psíquicos ou estresse elevado que podem levá-lo, em último caso, a prática do suicídio pelo fato de estar perto de um familiar que está passando por dificuldades ou trazendo problemas para os demais membros da família.

Outro problema que pode desembocar no suicídio é a depressão e as crises de ansiedade, tristeza, nervosismo e isolamento que advém dela. Segundo dados da OMS,

⁴ No restante do texto, utilizaremos apenas a sigla OMS.

a depressão atingiu 322 milhões de pessoas no ano de 2015. O Brasil, infelizmente, tem destaque nos casos de depressão no mundo, sendo o país com maior número de pessoas depressivas na América Latina e o quinto maior do mundo em casos de depressão, totalizando no ano de 2015, 11,5 milhões de casos. A depressão, se não tratada a tempo e com acompanhamento constante, tira todo o vigor e vontade do indivíduo, possibilitando, assim, uma maior disposição para o suicídio.

Atualmente, um caso que tem acabado em suicídios ou tentativas de suicídio não só no Brasil, mas também no mundo todo e que vem preocupando as autoridades, é o jogo da baleia azul, que atinge adolescentes entre 15 e 19 anos de idade. O jogo é constituído por 50 desafios aterrorizantes que incluem: assistir filmes de terror durante a madrugada, ouvir músicas depressivas, desenhar uma baleia azul no corpo com algum objeto cortante e, a última prova, o suicídio.

As tarefas são passadas por uma pessoa designada como curador ou curadora e o participante do jogo, que na verdade podemos chamar de vítima, tem que mandar fotos para o curador toda vez que executa uma tarefa. Os adolescentes que se envolvem nesse jogo e que tentam sair, acabam sofrendo ameaças e tortura psicológica, pois “os curadores fazem crer que sabem tudo sobre seus apadrinhados após terem infiltrado nos seus computadores” (BEDINELLI; MARTÍN, 2017, s/p).

Diante disso, quais estratégias vêm sendo tomadas mundialmente para se combater o suicídio? Segundo a OMS,

O conhecimento acerca do comportamento suicida tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. A investigação, por exemplo, tem mostrado a importância da interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, ambientais e culturais na determinação dos comportamentos suicidas. Ao mesmo tempo, a epidemiologia tem ajudado a identificar muitos fatores de risco e de proteção frente ao suicídio tanto na população geral como nos grupos vulneráveis. Também tem se observado a variabilidade cultural enquanto risco de suicídio, e como a cultura pode aumentar o risco de comportamentos suicidas ou proteger contra eles (OMS, 2014, p. 4, tradução nossa).

Além disso, os governos de cada país têm elaborado políticas públicas no sentido de prevenir e alertar a população sobre o suicídio fazendo com que a prevenção a esse tipo de morte seja uma prioridade envolvendo vários setores, a saber: a saúde, a educação, o emprego, o bem-estar social e a justiça (OMS, 2014). É preciso ainda que se leve em consideração o contexto cultural de cada país e localidade, pensando em políticas de prevenção ao suicídio que entendam o público alvo a ser atingido.

Nesse sentido, fazendo um gancho entre as medidas que vem sendo tomadas para prevenir o suicídio e os nossos autores base para a escrita desse artigo, podemos perceber que o suicídio – assim como em Marx e Durkheim – é pensado como um

fenômeno de ordem social em que suas causas devem estudadas levando em consideração aspectos culturais, sociais e econômicos.

Há de se levar em consideração ainda o fato de que a maneira como a OMS tem identificado as causas do suicídio e elaborado as diretrizes para combater essa causa de morte através de políticas públicas visando alcançar toda a população, com ou sem disposição para o suicídio, por meio de um diálogo entre o governo e as demais instituições que estão presentes em toda a sociedade – instituições educacionais, setores que geram emprego, a justiça etc.- nos faz afirmar que a intenção é aproximar essas instituições da população fazendo com que as pessoas recuperem sua confiança no Estado e em seus corpos auxiliares que ajudam a manter a consciência coletiva sempre a frente das consciências individuais.

Sendo assim, essas medidas são suficientes? Basta apenas pensar em políticas públicas para acabar com o suicídio ou será preciso uma mudança mais radical no modo de produção capitalista como um todo para que esse mal que tanto assola a sociedade possa ser superado? Acreditamos que as políticas que vem sendo elaboradas podem até surtir efeito, mas não serão suficientes para acabar com o suicídio. Isso se deve ao fato do modo de produção capitalista ser um sistema de grave desigualdade e que gera vantagens apenas para aqueles que possuem os meios de produção. O modo de produção capitalista nos ensina a viver a cultura do “ter” ao invés da cultura do “ser”.

Erich Fromm (1982, *italicos meus*), diz que existem dois modos de existência: o modo *ter* e o modo *ser*. Segundo o autor, o modo *ser* tem como requisito,

(...) a independência, a liberdade e a presença de razão crítica. Sua característica fundamental é a de ser ativo, não no sentido de atividade externa, de estar atarefado, mas no sentido de atividade íntima, de emprego criativo dos poderes humanos. Ser ativo significa manifestar as faculdades e talentos no acervo de dotes humanos de que todo ser humano é dotado, embora em graus variáveis. Significa renovar-se, evoluir, dar de si, amar, ultrapassar a prisão do próprio eu isolado, estar interessado, desejar, dar. (...) o ser é indefinível em palavras e só comunicável pela comunhão da minha experiência (FROMM, 1982, p. 97).

No modo *ser* de existência os indivíduos são livres e independentes para desenvolverem suas potencialidades e sua razão crítica, ou seja, eles podem pensar e agir livremente sem a imposição de ordens e normas de conduta que venham de órgãos burocráticos e instituições superiores – estado, governo, polícia etc. - que regulem o seu desejo de mudança e a sua preocupação com as desigualdades e a opressão social para com os seus semelhantes. Os homens são seres ativos, não no sentido de se manterem sempre ocupados, estressados, atarefados e com vontade de ganhar mais dinheiro para poderem consumir mais mercadorias e conquistarem prestígio e status; eles são ativos

porque podem desenvolver e trabalhar seus poderes criativos, a sua capacidade de amar, a sua capacidade de lidar com o próximo, a capacidade de lidar consigo mesmos; é ser ativo no sentido de poder evoluir, de admitir seus medos e fraquezas e procurar uma maneira de superá-los. No modo *ser* o indivíduo aprende a atuar em prol do seu semelhante, ele se doa e se coloca a disposição da coletividade; ele consegue ultrapassar a barreira do seu próprio isolamento e passa a se mostrar interessado em aprender com o outro e com a sociedade; ele tem na mente e no coração o desejo de ser feliz, mas ser feliz de verdade ao invés de viver uma felicidade artificial e ilusória como é a felicidade proporcionada pela lógica do consumo e da mercadoria. E o mais importante de tudo é que no modo *ser* as palavras não conseguem realizar as coisas, mais são os atos que as realizam e as fazem acontecer.

Em detrimento do modo *ser*, Fromm anuncia que existe o modo *ter* de existência:

A natureza do modo ter de existência decorrer da natureza da propriedade privada. Nesse modo de existência, tudo o que importa é minha aquisição de propriedade e meu irrestrito direito de manter o adquirido. O modo ter exclui todos os demais; ele não exige qualquer esforço a mais de minha parte para manter minha propriedade ou para fazer uso produtivo dela. Buda definiu esse modo de conduta como a ânsia de posse, os judeus e os cristãos o definiram como cobiça; ele transforma tudo e todos em algo inerte e sujeito ao poder de alguém (FROMM, 1982, p. 87).

E continua:

O modo ter de existência, a atitude centrada no móvel da propriedade e do lucro, necessariamente produz o desejo, e mesmo a necessidade de força. (...) No modo ter, a felicidade consiste na superioridade sobre outros, no poder e, em última análise na capacidade de conquistar, roubar, matar (FROMM, 1982, p. 91).

Nesse sentido, o modo *ter* é o inverso do modo *ser*. Nesse modo de existência o que vale é a lógica da propriedade privada. Eu só tenho algo se ele estiver em minhas mãos, se eu puder tocá-lo, se eu puder comprá-lo, se eu puder mostrá-lo para os outros. Só posso usufruir de algo se ele tiver sido comprado. Tudo aquilo que tenho serve para causar inveja nos outros, para causar o desejo de aquisição. O que vale é a posse, o objeto, a coisa, a mercadoria. No modo *ter* não existe a atividade criativa, o homem vive ocupado, estressado, ansioso, entupido de atividades no trabalho para poder ganhar dinheiro e consumir tudo em mercadorias baratas. Não existe desenvolvimento das potencialidades e nem das capacidades criativas, pois os homens são apáticos, passivos e não tem vontade de aprender com o outro. No modo *ter* não existe o desejo de ver o desenvolvimento de toda a coletividade e a extinção das desigualdades e da opressão, porque o que é ensinado e legitimado é a prática do individualismo. Esse modo de

existência não nos ensina a praticar o amor, a compaixão, o altruísmo e a paciência, ele nos ensina a ser invejosos, rancorosos, egocêntricos e impacientes. Quando praticamos a “filosofia” do *ter* nós não conseguimos ultrapassar a barreira da nossa solidão e do nosso isolamento e, por conta disso, não conseguimos preencher o nosso vazio existencial.

Portanto, acreditamos que para superar o mal do suicídio e as demais mazelas que o antecedem – a depressão, a ansiedade, a angústia, o medo e a dúvida – é preciso que se pense na transformação social, ou seja, é preciso que, assim como nos ensinou Marx, o modo de produção capitalista e todas as relações sociais antagônicas e de exploração produzidas por ele sejam superadas e deem lugar a uma nova sociedade onde os indivíduos sejam livres para desenvolver suas potencialidades e realmente sejam plenos de compreender as suas necessidades e as necessidades daqueles que o cercam.

CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos de maneira sintetizada a nossa compreensão sociológica sobre o suicídio. O nosso objetivo com esse texto é abrir espaço para o debate, esperando que ele seja fonte de reflexão para aqueles que têm interesse por esse tema ou pela sociologia clássica.

O suicídio deve deixar de ser um tabu ou um estigma social e passar a ser cada vez mais visto como um problema de saúde coletiva que atinge todas as classes e pessoas, mesmo que alguns indivíduos tenham mais disposição para esse tipo de morte ou se situem em um grupo de risco para o mesmo.

Livrar a sociedade desse mal não é tarefa fácil, sendo necessário, a nosso ver, um processo de transformação social capaz de libertar os indivíduos dos valores sociais capitalistas e das correntes que os prendem a uma lógica de exploração e não superação de práticas como o tradicionalismo, a paixão doentia, o servilismo e a desilusão de fazer parte de uma sociedade onde o modo ter oblitera o modo ser e, conseqüentemente, o livre desenvolvimento de nossas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIMA, Cesar; GRANDELLE, Renato. **Brasil é o país mais deprimido da América Latina**, aponta OMS. Disponível em: www.oglobo.globo.com. Acessado em 28 de julho de 2017.

BEDINELLI, Talita; MARTÍN, María. **Baleia Azul**: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil. Disponível em: brasil.elpais.com. Acessado em 28 de julho de 2017.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERREIRA Jr., Avimar. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Psicologia**, V. 2, Nº 1, p. 15-28, 2015.

FRAGA, Wagner Santana de; MASSUQUETTI, Angélica; GODOY, Márcia Regina. Determinantes socioeconômicos do suicídio no Brasil e no Rio Grande do Sul. In: **Anais do XIX Encontro de Economia da Região Sul**. Florianópolis, 2016, p. 1-20.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MACHADO, Daiane Borges; SANTOS, Darci Neves dos. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, V. 64, Nº1, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo: Martin Claret, 2006a.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006b.

SALUD, **Organización Mundial de la. Prevención del suicidio**: unimperativo global. Disponível em: *www.who.int*. Acesso em 28 de julho de 2017.

VIANA, Nildo. Os pensadores clássicos da sociologia. In: _____. **Introdução à Sociologia**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 29-67.